

KARIS – A HISTÓRIA
DE UMA MÃE E A LUTA
DE SUA FILHA

DEBORA KORNFIELD

KARIS – A HISTÓRIA
DE UMA MÃE E A LUTA
DE SUA FILHA

Traduzido por SUSANA KLASSEN

Copyright © 2009 por Debora Kornfield
Publicado originalmente por Editora Mundo Cristão

Editora responsável: Sílvia Justino
Supervisão editorial: Ester Tarrone
Assistente editorial: Miriam de Assis
Preparação: Rosângela Ducati
Revisão: Polyana Lima
Coordenação de produção: Lilian Melo
Colaboração: Pâmela Moura

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kornfield, Debra

Karis - A história de uma mãe e a luta de sua filha / Debora Kornfield;
traduzido por Susana Klassen — São Paulo:
Mundo Cristão, 2009.

Título original: *Worshiping God in the Desert.*
ISBN 978-85-7325-555-3

1. Kornfield, Debora 2. Kornfield, Karis
3. Sofrimento — Aspectos religiosos — Cristianismo
I. Título

08-11017

CDD-248.86092

Índice para catálogo sistemático:

1. Doentes: Guias de vida cristã: Religião:
Relato biográfico 248.86092
Categoria: Inspiração

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil — CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: março de 2009

SUMÁRIO

<i>Palavra da autora</i>	6
<i>Um desafio de Êxodo</i>	12
O nascimento	18
Parteiras tementes a Deus	26
A sarça em chamas	32
Sinais	36
Tijolos sem palha	40
A travessia do mar	50
Pausa para histórias sobre as crianças e a vida em família	54
O maná e as codornizes	70
Mara e Elim	78
Água jorra da rocha	86
Pausa para uma história de Natal	94
Um povo de dura cerviz	100
A derrota dos amalequitas	108
O conselho de Jetro	118
Pausa para uma história de Natal de verdade	126
Reparação pelos erros	134
Um anjo de Deus para preparar o caminho	138
Confirmação da aliança	146
O altar de holocausto	162
Bezalel e Aoliabe	170
Pausa para outra história de avião	178
Pausa para reflexões de Valerie	190
O tabernáculo	200
A glória do Senhor	208

PALAVRA DA AUTORA

Nossa família não tem caminhado sozinha. Ao longo de todas as fases da vida de Karis, muitos vêm compartilhando generosamente conosco seu amor, suas orações, seu apoio prático, sua fé e sua companhia. Em Wheaton e Port Huron, e depois no Brasil, em South Bend e em Pittsburgh, recebemos apoio, exortação e consolo de pessoas que nos cercaram com seu carinho. Desde os primeiros dias da vida de Karis, membros de nossa família mais ampla colocaram os próprios interesses de lado para cuidar dos nossos em momentos de necessidade.

Este livro não é apenas a história de David e Debbie Kornfield e seus filhos. Todos os que oraram, choraram ou riram conosco, questionaram os propósitos de Deus ou se alegraram conosco por suas intervenções fazem parte desta narrativa.

Infelizmente, para manter o relato fluente e legível, não pudemos incluir o nome de todos vocês. Mas cada um sabe onde seu nome *deveria* aparecer. Temos uma imensa dívida de gratidão para com todos. Amamos vocês e apreciamos profundamente tudo o que têm nos oferecido, por vezes com sacrifício.

Tenho certeza de que só quando chegarmos ao céu entenderemos o papel que nossas orações desempenharam nesta história. Hoje cedo, quando David e eu estávamos saindo da igreja em São Paulo, um senhor que não víamos havia muitos anos veio nos cumprimentar. Contou que tem orado com frequência por nossa Karis, pois o mesmo Deus que restaurou a vida e a família dele também pode restaurar nossa filha completamente. Afirmou que saberá que Deus ouviu suas orações quando vir Karis adentrar a igreja em São Paulo para adorar ao Senhor sem nenhum impedimento físico.

Como entender ou explicar tamanho mistério? Como pode uma única vida tocar de modo tão profundo tantas pessoas ao redor do mundo e incitá-las a orar com tamanho fervor? Os caminhos de Deus são verdadeiramente misteriosos.

Eis o motivo pelo qual precisamos contar esta história, *nossa* história: Deus ouviu suas orações e as respondeu. Por vezes a resposta foi discreta, quase imperceptível; em outras ocasiões, foi dramática. As Escrituras nos instruem a observar, a lembrar outros e a relatar-lhes o que Deus realiza. Aprendemos muito sobre a humildade quando o Criador do universo se preocupa conosco. Não desanime! Arrisque-se a contar ao Senhor a sua história, a expressar suas preocupações, seus problemas e suas alegrias. Ele se importa conosco mesmo quando somos absolutamente incapazes de retribuir de algum modo. Esse é o significado da palavra “graça”.

Por fim, apesar de ser *nossa* história, este livro é, mais especificamente, *minha* história como mãe de Karis e o impacto desse papel em minha vida e meu relacionamento com Deus. Não é a história de Karis. Ela relataria os acontecimentos de sua vida de forma diferente, e talvez o faça algum dia. Nestas páginas, você encontrará um retrato parcial de Karis. Quem a conhece pessoalmente talvez se decepcione ao ver aqui apenas um esboço de uma personalidade extremamente rica. Seus amigos sabem que ela nunca se permitiu ser “vítima” das limitações físicas e que, quando tem forças, está pronta a explorar o mundo lá fora e participar de todas as aventuras que a vida pode lhe proporcionar.

Como personagem, é possível que Karis lhe pareça um tanto “sem sal” e passiva, exatamente o oposto de sua personalidade na vida real! Trata-se, contudo, de algo proposital. Em primeiro lugar e acima de tudo, é meu desejo protegê-la e possibilitar que leve a vida sem ficar presa à imagem ou ao perfil traçado em um livro. Não tem sido fácil para ela viver num “aquário” cercado de pessoas do mundo inteiro que acompanham os boletins médicos em seu *site* <www.mundocristao.com.br/karis>. A permissão para que este livro seja publicado é mais uma invasão de sua privacidade e sua autonomia.

É evidente que não há como fazer caber em apenas um livro todas as experiências de 24 anos de vida. Muitas aventuras de Karis ficaram de fora desta narrativa: suas visitas à Guatemala, à Argentina e ao Chile, suas viagens à Europa, a importância da dança e da poesia em sua vida, a mão queimada e o braço quebrado, suas pinturas de aves do Pantanal, seu aquário, as pessoas com que se encontrou, a viagem pelo rio Solimões e tantas outras coisas... Sua vida até aqui tem sido tão rica que o enfoque sobre as dificuldades físicas provoca uma distorção inevitável de sua verdadeira identidade.

Em segundo lugar, posso falar e escrever com mais precisão apenas sobre os acontecimentos de minha própria vida. Tudo o que digo acerca dos sentimentos, das motivações ou das metas de Karis são apenas informações de segunda mão. Apesar de ter recebido seu generoso apoio para levar este projeto adiante, assumo total responsabilidade por quaisquer representações equivocadas de sua pessoa e personalidade. Ao ler este relato, você descobrirá algumas coisas sobre Karis, mas não chegará a conhecê-la de fato. Pode-se dizer o mesmo dos outros membros de nossa família: David, Dan, Rachel e Valerie, nos quais este livro provoca sentimentos conflitantes.

Em terceiro lugar, meu grande desejo ao escrever estas páginas é ressaltar a presença de Deus conosco, comigo e, desse modo, crescer em seu conhecimento ao refletir com atenção sobre os acontecimentos e a ação de Deus ao longo dos anos. O objetivo deste relato é honrar e

adorar a Deus e dar testemunho daquilo que ele tem feito por mim. Se a história que vou lhe contar levá-lo a confiar em Deus e adorá-lo dentro de sua própria história, o esforço necessário para tal terá valido a pena.

Muitas pessoas observaram que deve ter sido difícil registrar este relato. É verdade. Tive de trazer à tona e reviver algumas experiências bastante dolorosas. Paradoxalmente, também é verdade que, se persistirmos e trilharmos o caminho da dor até o fim, chegaremos a um lugar de alegria. Todos nós fomos criados para a alegria. *Você* foi criado para a alegria. Coloque toda a sua dor aos pés da cruz. Ofereça-a, por mais confusa que seja, ao Homem de Dores. Ele conhece a tristeza muito bem por experiência própria, mas não ficou preso a ela. Somente ele sabe como transformar a tristeza em alegria de forma extraordinária.

O último aspecto que eu gostaria de comentar é a metáfora que tomei emprestada das Escrituras: o povo de Israel no deserto. Quem conhece a narrativa do livro de Êxodo entenderá melhor cada um dos capítulos deste livro, cujos títulos são inspirados em seções desse texto bíblico. Os leitores mais investigativos podem comparar o conteúdo de Êxodo com o de meu relato e identificar o motivo da escolha desses nomes para os capítulos.

Os títulos foram extraídos de Êxodo, e não de Levítico, Números ou Deuteronômio, por uma razão específica. É verdade que a história dos israelitas no deserto continua depois do ano em que permaneceram acampados junto ao monte Sinai. Números 14, porém, fala da rebelião “definitiva” de Israel que os condenou a vagar por mais 38 anos no deserto, não como provação, mas como castigo. Até aqui, apesar dos altos e baixos, em termos gerais os israelitas haviam seguido o “plano A” de Deus. Em Números 14, uma geração inteira é informada de que não poderá entrar na terra prometida.

Quero crer que, pela graça de Deus e pelas orações de pessoas como você, nossa família ainda está em Êxodo, antes de Números 14, seguindo os propósitos de Deus para nós. Nesse caso, o maior desafio talvez esteja adiante de nós. Não somos ingênuos a ponto de pensar

que jamais nos rebelaríamos. Este é apenas o começo da história; ainda não sabemos como terminará. Caso você se lembre de nós, ore para que coloquemos em prática as lições aprendidas até agora, confiemos em Deus, lhe obedeçamos e evitemos a experiência no deserto depois de Números 14.

Com profunda gratidão a Deus, a Karis, a minha família e a você,

Debbie

UM DESAFIO DE ÊXODO

As autoridades de Israel o atenderão. Depois você irá com elas ao rei do Egito e lhe dirá: O SENHOR, o Deus dos hebreus, veio ao nosso encontro. Agora, deixe-nos fazer uma caminhada de três dias, adentrando o deserto, para oferecermos sacrifícios ao SENHOR, o nosso Deus.

Êxodo 3:18

Quando o Senhor deu essa instrução a Moisés na sarça ardente, será que sua intenção era enganar o faraó e fazê-lo pensar que os israelitas só queriam um feriado religioso? Em outros tempos, minha resposta seria “sim”. Percebi, porém, que essa instrução, repetida várias vezes nos próximos capítulos de Êxodo, é muito mais profunda do que pode parecer à primeira vista. A viagem de três dias ao interior do deserto para adorar a Deus ocupa o cerne do desejo divino de se relacionar com seu povo. Deus *ansia* que confiemos nele e o busquemos com convicção quando não vemos nenhuma solução para nossos problemas. A qualidade do relacionamento que ele deseja ter conosco se reflete no carinho de palavras como estas: “De fato tenho visto a opressão sobre o meu povo no Egito, tenho escutado o seu clamor, por causa dos seus feitores, e sei quanto eles estão sofrendo. Por isso desci para livrá-los” (Êx 3:7-8).

O que acontece, porém, quando andamos por três dias no deserto? Primeiro, esgotamos todos os nossos recursos. Não temos como carregar água para uma jornada muito mais longa do que essa. Começa a insinuar-se aqui um elemento de perigo, especialmente quando andamos, andamos e andamos sem sinal de água potável. Ficamos cansados, sedentos, sujos e suados. Sentimos o sol queimar nossa pele e as sandálias fazerem bolhas em nossos pés. Começamos a pensar que não levamos jeito para a vida ao ar livre. Sentimos saudade de nossa cama. Os presentes que recebemos quando partimos começam a pesar. De repente, não parece má idéia jogar fora tudo o que não podemos comer ou beber só para não precisar carregar mais um fardo.

A jornada que começa agradável, especialmente se saímos de uma situação terrível e vimos Deus fazer coisas espetaculares, aos poucos se torna tediosa e um tanto ameaçadora. A princípio, o deserto parece conter atrativos e belezas peculiares. Depois que vimos as flores e os animais da região aqui e ali e observamos o jogo de luz e sombra na areia, nada mais se afigura novo ou fascinante. A emoção de fugir de uma situação insuportável e a expectativa de vida e circunstâncias novas perdem o brilho e, passados os dois primeiros dias, ninguém mais tem vontade de cantar as vitórias do povo a plenos pulmões. Três dias! Agora queremos apenas alcançar nosso destino, descansar, mergulhar os pés na água e esperar enquanto alguém prepara uma refeição para nós.

Porém, e se chegarmos a nosso destino e não encontrarmos nada? Nada além de mais areia, mais sol escaldante, mais frio intenso quando o sol se põe? E se, ao fim de três dias, nem nos lembrarmos mais do motivo da jornada, do grande culto de adoração que pareceu tão atraente enquanto Deus separou as águas do mar e afogou o exército inimigo? O que fazer então?

O livro bíblico de Êxodo relata alguns acontecimentos ocorridos quando os israelitas chegaram ao fim de suas forças e seus recursos. Quem cresceu ouvindo essas histórias pode ter aprendido a desprezar

o povo de Israel e considerá-lo um bando de murmuradores inconstantes e fracos.

Será que você já esteve numa situação semelhante à deles? É provável que nunca tenha atravessado um deserto literal, mas e quanto a circunstâncias que consumiram toda a sua força, sua convicção e seus recursos físicos, emocionais e espirituais? Percebeu que coisas terríveis estavam acontecendo e nada poderia impedi-las? Viu membros de sua família sofrerem e sentiu-se impotente?

É bem provável que muitos dos murmuradores no meio dos israelitas simplesmente não pudessem suportar a visão de seus filhos desesperados de sede e sem nenhum sinal de água.

Por que Deus colocaria os israelitas, ou você, ou eu, numa situação dessas? E como poderia esperar que o adorássemos em meio às circunstâncias? O que acontece quando o adoramos ou deixamos de adorá-lo?

Como você verá neste livro, tenho lutado com essas perguntas há muito tempo. Quando a vida nos pega de surpresa, a busca pelas respostas deixa de ser teórica. Torna-se urgente e extremamente pessoal, uma questão de sobrevivência.

Ao meditar sobre a história dos israelitas no deserto, lembrei-me de outro relato de uma jornada de três dias que também foi realizada em obediência a Deus e terminou em adoração. Deus ordenou a Abraão que fosse ao monte Moriá, construísse ali um altar e sobre ele sacrificasse seu único filho. A obediência de Abraão a essa estranha instrução e a providência divina concedida ao patriarca lhe garantiram um lugar singular na galeria da fé em Hebreus 11. De acordo com o autor de Hebreus, Abraão creu que, para cumprir suas promessas, Deus poderia até ressuscitar Isaque dentre os mortos.

A impressionante cena ocorrida cerca de dois mil anos antes de Jesus nascer aponta para o tempo e o lugar na história em que o próprio Deus sacrificaria seu único Filho. Convém lembrar que, muitos anos depois, o monte Moriá foi incorporado a Jerusalém, a cidade onde Jesus morreu.

Em sua jornada agonizante, que também durou três dias, Jesus não foi poupado e prosseguiu até o fim. Mas a história não termina com sua morte, pois, conforme o padrão das outras jornadas, algo extraordinário aconteceu no terceiro dia, o dia reservado para a adoração.

Deus não requer de nós nada que ele próprio não tenha experimentado. Sabe o que se passa dentro de nós. Entende nossa confusão, tristeza, raiva e nossa dor e sente-as conosco, pois as vivenciou aqui na terra. Não há consolo mais verdadeiro do que esse de quando as situações da vida parecem insuportáveis. Mas o cerne da história, seu ponto culminante, o acontecimento supremo para o qual todos os acontecimentos apontam, o motivo pelo qual podemos ter esperança, a âncora de nossa esperança quando chegamos ao fim da linha, é o que ocorreu com Jesus no terceiro dia. *Essa é a história no centro do universo que dá sentido à instrução para adorar no terceiro dia de jornada no deserto.*

A esta altura, talvez você esteja pensando:

Então esse é o desafio? Devo lhe avisar logo que é difícil demais para mim, e suas palavras bonitas me irritam profundamente. Não sou melhor do que o povo de Israel ou diferente dele.

Será que Deus sabe mesmo como as coisas são difíceis? Sabe como estou cansado? Quanto dói ver o sofrimento de pessoas amadas? Quanto esse deserto parece interminável e sem sentido? Onde Deus está quando a dor parece insuportável? Será que ele existe? Será que se importa? É, de fato, um Deus poderoso e soberano? Se é, como pode permitir que essas coisas aconteçam?

Deus sente algum tipo de prazer em brincar comigo, causar dor, atirar-me de um lado para o outro, ver quanto peso eu sou capaz de carregar antes de desabar? Não sabe que preciso desesperadamente de água, alimento, sono e alívio? Faz idéia de como é difícil ser desarraigado, separado da família e da comunidade só para ver crianças inocentes sofrerem e até morrerem?

Entende o suplício dos pesadelos, a agonia do desconhecido, a vulnerabilidade impotente causada por sonhos despedaçados, limites violados e injustiças de todos os lados que trespassam o coração?

Eu compreendo você, pois luto com essas mesmas perguntas.

O NASCIMENTO
Maio, 1983

Karis nasceu em nossa casa em Wheaton, Illinois, em 5 de maio, numa agradável noite de quinta-feira. Havíamos decidido que o parto seria em casa mesmo e, portanto, não tivemos de correr para o hospital quando as dores começaram. Em vez disso, sentei-me na arquibancada do estádio da Universidade de Wheaton e me concentrei nos exercícios de respiração enquanto David fazia sua corrida diária na pista ao redor do campo. O parto foi tranquilo e sem complicações. A obstetra sentou-se no sofá junto com nosso filho Danny, que, na época, estava com quase 2 anos, e leu histórias para ele enquanto David e a parteira me ajudavam a trazer Karis ao mundo. Ela era encantadora e parecia absolutamente saudável.

Às 20h30, Danny já estava sentado na cadeira de balanço segurando sua nova e linda irmãzinha.

Guardo com carinho essa memória serena: a calmaria antes da tempestade que nos pegou de surpresa.

Sexta foi um dia repleto de emoções. Começamos a conhecer o novo membro da família sem os incômodos que teríamos num hospital.

Apesar de estranharmos que os intestinos dela não funcionassem nenhuma vez nesse dia, estávamos maravilhados demais com nossa garotinha para nos preocuparmos com a ausência de fraldas sujas.

No sábado, eu me sentia tão bem que fui a uma festa. Não via a hora de mostrar aos outros nosso pequeno tesouro. Durante a festa, Karis começou a vomitar. O vômito era amarelo-vivo e saía em jatos de intensidade inacreditável de seu minúsculo corpo. Logo em seguida, também comecei a me sentir exausta e doente.

No domingo, tive febre alta e passei tão mal que cheguei a pensar que morreria. Ainda assim, hesitamos em ir ao hospital. Eu me orgulhava de nunca ficar doente. Meu corpo doía tanto que eu não queria me mover, e David estava aturdido demais com a sucessão de acontecimentos inesperados. Ele não tinha a mínima noção de como cuidar de uma recém-nascida que vomitava o tempo todo e de um garotinho que havia perdido, de forma repentina e permanente, sua posição segura no centro do universo. Por mais que negássemos, nosso mundo perfeito estava se desintegrando.

Frustrado e assustado, David praticamente ordenou-me que eu me recuperasse logo. Por fim, a obstetra gritou com ele ao telefone e lhe disse que, se eu morresse, a culpa seria dele. Só então meu marido conseguiu juntar coragem de me tirar da cama e fazer a viagem de uma hora até o hospital, em Evanston, onde nossa obstetra trabalhava.

Na época, meus pais moravam na Guatemala, mas, pela graça de Deus, haviam acabado de chegar à Flórida. Estavam a caminho de Wheaton para a formatura e o casamento de meu irmão. David conseguiu entrar em contato com eles, e minha mãe embarcou no primeiro vôo para Chicago a fim de nos ajudar. Meu pai seguiu o roteiro planejado e visitou alguns amigos em Atlanta antes de se encontrar conosco.

Para alguém como eu, que raramente havia passado mais que dois dias de cama, foi maravilhoso descobrir o poder transformador dos antibióticos. Senti como se tivesse nascido de novo. Na quarta-feira, quando recebi alta, passei do desespero à euforia. A beleza do céu azul, da grama

verde, das flores e das árvores era estonteante. Minha mãe era uma santa, meus filhos eram absolutamente lindos, minha casa era um palácio.

Em meio a essa alegria incontida, eu não podia — não *podia* — admitir a possibilidade de que havia algo de errado com nossa filha recém-nascida. Ela continuava vomitando. Imaginamos que talvez fosse uma reação ao leite em pó que minha mãe havia lhe dado enquanto eu estava internada. Na quinta-feira, uma semana após o parto, quando levamos Karis para sua primeira consulta, minimizei a situação e concordei prontamente com o médico em que “todos os bebês regurgitam”. Não comentamos que o intestino dela não havia funcionado nem uma vez. Claro que Karis tinha perdido um pouco de peso, mas todos os bebês perdem peso na primeira semana de vida. Além do mais, o leite em pó com certeza não tinha lhe feito bem. Ela continuava com excelente aparência, pelo menos para mim, e o médico não expressou nenhuma preocupação.

Eu sei... Concordo plenamente com você: minha negação não fazia sentido. Afinal de contas, sou enfermeira formada e sempre tirava as notas mais altas da minha turma na faculdade.

O fim de semana foi surreal. Como eu estava em casa e com a saúde restabelecida, minha mãe resolveu continuar o roteiro de viagem com papai. David e eu nos vimos às voltas com o trabalho infundável de limpar a sujeira que Karis fazia. A máquina de lavar funcionava sem parar com cargas e mais cargas de lençóis, roupas e até cortinas que Karis acertava com os jatos de vômito bilioso. Pisos, paredes e móveis também não escapavam.

Karis e eu encontramos uma espécie de ritmo. Descobri que, quando ela mamava por dois minutos, vomitava logo em seguida. No entanto, se eu a deixava mamar por apenas um minuto, não vomitava — pelo menos não de imediato.

Na tarde de domingo, os padrinhos de Karis vieram visitá-la. Enquanto o padrinho a segurava no colo e nos encorajava a ser fortes e ter fé em Deus, ela vomitou no rosto dele.

Não tenho desculpas nem explicações para nossa inércia. É inacreditável que tenhamos passado aquele fim de semana inteiro feito duas mulas empacadas que se recusavam a procurar um médico.

Na manhã de segunda-feira, 16 de maio, arrumei Karis para irmos à formatura de meu irmão na faculdade em Wheaton. Meu pai havia chegado de viagem na noite anterior e ainda não a tinha visto. Quando veio nos buscar para a formatura, ele olhou bem para Karis e depois me disse naquele tom paternal que ninguém ousa desobedecer: “Você não vai à formatura. Pegue seu carro agora e leve o bebê ao médico mais próximo”.

Assustada, mas obediente, fui à clínica pediátrica mais próxima e entrei com Karis.

— Minha filha precisa consultar um pediatra, mas não temos hora marcada — eu disse à recepcionista.

Ela informou que o médico só atendia com hora marcada e que teríamos de agendar uma consulta. Não havia nenhum horário disponível nos próximos dias. Sem sair do lugar, olhei firmemente para a moça e falei:

— Minha filha está vomitando muito e precisa ser atendida. (E por pouco não completei: “Estou aqui porque meu pai mandou”.)

Irritada, a recepcionista respondeu:

— Todo bebê vomita. Pode ser que você não a esteja fazendo arrostar direito.

Permaneci imóvel, olhando para a moça. Por fim, ela suspirou alto e desapareceu por um corredor que dava para os fundos da clínica. Continuei em pé, ao lado da mesa da recepção, tentando resistir ao pânico que ameaçava me dominar desde que meu pai havia ordenado que eu tomasse uma providência.

— Tudo bem, o médico vai atender você. Mas só por dois minutinhos para não atrasar o horário dos outros pacientes.

— Sem problemas. Só precisamos de dois minutos mesmo.

Ela me encarou por alguns segundos como se eu fosse louca e depois me acompanhou até o consultório. Assim que entramos, o médico

nem sequer pediu-me que colocasse Karis na mesa de exame. Apenas perguntou em tom ríspido:

— O que está acontecendo com o bebê?

— Se você esperar dois minutos, eu lhe mostro — respondi.

Enquanto eu amamentava Karis, ele permaneceu sentado, tamborilando os dedos em sua escrivaninha enorme, os olhos fixos no relógio de parede. Passados os dois minutos, ele avisou:

— Acabou seu tempo.

Tirei Karis de junto de mim e virei-a para ele. Como era de esperar, o jato de vômito atingiu o médico em cheio do outro lado da escrivaninha.

A indiferença passou numa fração de segundo. Enquanto limpava o leite amarelo que pingava de seu rosto, ele pegou o telefone e chamou a enfermeira aos brados. Quando terminou de vociferar uma série de ordens ao telefone, virou-se para mim e disse:

— Pegue seu carro e leve-a direto para o hospital. Não há tempo para chamar a ambulância. Sua filha está com obstrução intestinal e precisa de uma cirurgia de emergência. Mas antes vamos precisar tirar algumas radiografias para identificar o local da obstrução. Encontro você no hospital.

Descobrimos depois que o dr. W era um homem gentil e atencioso. Ele nos deu um bocado de apoio nos dias que se seguiram à confusão no Hospital Central DuPage. As radiografias causaram perplexidade, pois não revelavam nenhum sinal típico de obstrução. Sem uma indicação clara, os cirurgiões não podiam operar. E, no entanto, nada parava no estômago de Karis e suas fraldas continuavam limpas.

Tive de suspender a amamentação, e minha garotinha faminta não gostou nem um pouco da idéia. As enfermeiras inseriram um tubo de sucção em seu nariz a fim de manter o estômago vazio. Irritada, imaginei que o procedimento era só para evitar o trabalho de limpar o vômito.

Eu não podia sequer segurá-la. A certa altura, não agüentei mais ouvir o choro de Karis e, quando vi que não havia nenhuma enfermeira por perto, peguei minha filha no colo. Estava desesperada para consolá-la, mas não queria que ninguém soubesse que eu havia desobedecido às ordens médicas. Foi impossível, porém, esconder que a havia amamentado, pois o recipiente ligado ao tubo de sucção logo começou a se encher de leite. A meu ver, não faria mal nenhum. Nós duas ficamos mais tranqüilas, e Karis conseguiu pegar no sono. Evidentemente, ela estava recebendo alimentação intravenosa, mas água com açúcar não era suficiente para aplacar a fome.

Foram dias e noites de agonia no hospital. Os médicos tentavam descobrir o que fazer, e David se esforçava para trabalhar, cuidar de nosso filho pequeno e nos visitar, Karis e eu, no hospital. Consegui resistir ao sentimento de pavor que rondava, mas não suportava mais ver minha filha sofrer.

Passados alguns dias, dr. W me disse que simplesmente não sabia como proceder para ajudar Karis e nos encaminhou para o Hospital Pediátrico de Chicago. Perguntou se eu preferia levá-la de carro ou numa ambulância. Optei por levá-la de carro.

“Vá direto ao pronto-socorro. Já estão esperando por você. A propósito, não se assuste se o atendimento for um pouco diferente. É um hospital de cidade grande. Os médicos de lá são excelentes e vão saber o que fazer com Karis.”

De fato, dr. R, do pronto-socorro, estava nos aguardando. Assim que descemos do carro, ele tirou Karis do meu colo e a mandou para a sala de radiografia. Virou-se para mim e explicou: “É um caso claro de obstrução intestinal. Assim que tivermos as radiografias, faremos a cirurgia e pronto. Esses médicos de cidade pequena não sabem o que estão fazendo. Não tiraram as radiografias corretamente ou não souberam interpretá-las”. Mal havia acabado de falar e saiu apressado a fim de se preparar para a cirurgia.

Eu já estava com saudade do dr. W, com seu jeito simpático de médico de cidade pequena. Dr. R podia ser um “bambambã”, mas naquele momento as últimas coisas de que eu precisava eram sarcasmo e arrogância. Por outro lado, eu havia pensado a mesma coisa do dr. W em nossa consulta inicial de dois minutos.